

PEREGRINO
DE
JOHN
BUNYAN
COM
ANOTAÇÕES

O PEREGRINO DE JOHN BUNYAN COM ANOTAÇÕES

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 Escriba de Cristo, 1969 –

*O PEREGRINO DE JOHN BUNYAN COM
ANOTAÇÕES*

Itabaiana/SE Amazon.com

Clubedesautores.com.br, 247 p. ; 21 cm

ISBN: 9798602983791

1. Cristianismo 2.Fábula 3.cristão 4 . Espiritualidade
5 – Salvação Título

CDD 240

CDU 24

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CGC 66.504.093/0001-08

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não tem a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTORIZAÇÃO

O livro pode ser reproduzido e distribuído por quaisquer meios, usado e traduzido por qualquer entidade religiosa, educacional ou cultural sem prévia autorização do autor. Todos os meus livros são de domínio público.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é

Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo Senac de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

INTRODUÇÃO

Em 1985 eu tinha 16 anos e me converti a Jesus e não muito depois daqueles dias, eu tive contato com o livro O PEREGRINO de John Bunyan, hoje estou com 50 anos e este livro sempre esteve em minha lembrança. A pedagogia dos ensinamentos cristãos transmitidos de forma tão didática e tão simples que de forma cristalina as virtudes do cristianismo sempre estiveram frescas em minha memória. A fábula apresentada na história retrata com maestria a saga dos cristãos em sua peregrinação na terra em busca da cidade celestial. Espero que você leia com o coração puro para que o Espírito Santo possa lhe causar um impacto com a leitura desta obra inspirada por Deus.

A década de 1660 foi de muito tumulto e agitação na Inglaterra. Cromwell, o protetor da Inglaterra e do parlamento, morrera três anos antes. Carlos II, filho do rei decapitado, volta do exílio em 1649 e ascende ao trono. A Igreja da Inglaterra ganha mais uma vez o status de Igreja do Estado e põe fim à liberdade de culto que se viu entre os anos de 1640 a 1660. No ano seguinte, 1662, através do chamado ato de conformidade, mais de 2000 ministros puritanos não conformistas foram ejetados de seus púlpitos, suas igrejas foram fechadas e eles foram proibidos de pregar e até mesmo de residir a menos de 8 km de qualquer vila ou povoado. O novo Parlamento, conhecido coloquialmente como o “Parlamento bêbado”, pelo tipo de homens que o compunha, removeu todo princípio de reforma do ambiente religioso da Inglaterra.

Um dos mártires daqueles dias, o Conde de Aryl, do alto de seu cadafalso, diante do seu carrasco, disse o seguinte:

“Estes tempos em que vivemos são ou de muito pecado ou de muito sofrimento. Que os cristãos façam pois sua escolha – PECAR OU SOFRER, e, certamente, aquele que escolher a boa parte, haverá de escolher SOFRER.”

John Bunyan escolheu sofrer!

Bunyan foi um daqueles heróis da fé que experimentou no corpo e na alma a agudez do sofrimento em suas manifestações mais amplas: desde lutas intensas com sua própria consciência e convicção de pecados, que resultou num longo e doloroso processo de apropriação da fé, até os sofrimentos da miséria, privação, doença e perseguições por causa de sua fé.

O Peregrino, reputado como o livro mais publicado e lido em toda a história depois da Bíblia, é uma fascinante alegoria que conta a história de Cristão rumo à Cidade Celestial. Seu caminho é realizado em etapas, e, em todas elas, Cristão experimenta vários tipos de sofrimento e lutas intensas, passando pelo “pântano do desânimo”, pelo “monte da dificuldade”, pelo “vale da humilhação”, pelo “vale da sombra da morte”, pelo martírio de Fiel, pelo “castelo da dúvida” até chegar ao rio que não tem ponte.

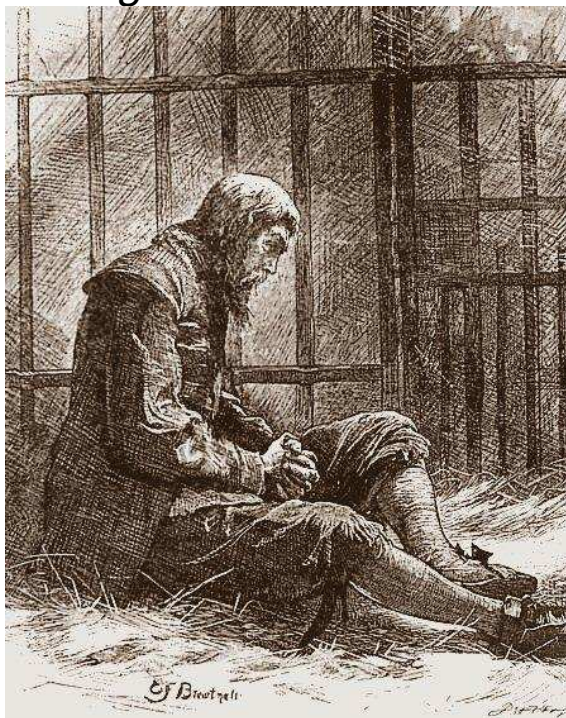
Seu autor, John Bunyan, nasceu na Inglaterra da era puritana em 1628, numa cidadezinha rural chamada

Bedford. Teve uma infância pobre, recebeu uma educação precária e se tornou funileiro (latoeiros) por profissão, seguindo a profissão de seu pai. Com apenas 14 anos perdeu, no espaço de um mês, sua irmã caçula e sua mãe. Aos 16, juntou-se ao exército parlamentar onde permaneceu por alguns anos.

O início de seu processo de entendimento da fé cristã se deu através da leitura dos dois únicos livros que tinha em casa; herança recebida pela primeira esposa. Os livros eram “O Caminho do homem ao Céu” de Arthur Dent e “A Prática da Piedade” de Lewis Bayly. A leitura desses livros causou forte impressão em John Bunyan e levou-o a refletir com mais seriedade a sua situação diante de Deus. Bunyan converteu-se debaixo do ministério do pastor batista John Gifford, e conta-nos como foi sua conversão, em meados dos anos 1650.

Apropriar-se das bênçãos da salvação não foi uma tarefa fácil para Bunyan. Em sua autobiografia, “Graça abundante ao principal dos pecadores”, ele dedica mais de dois terços da obra para descrever os altos e baixos de suas lutas internas. Num certo ponto, ele reconhece que suas provações e sofrimentos vinham “do Senhor, de Satanás e de minha própria corrupção”. E suas lutas contra sua consciência acusadora e as tentações e provas de Satanás faziam com que, muitas vezes, ele desejasse ser como um “cachorro, ou um cavalo, por não possuírem uma alma sujeita ao inferno”. Ele sentia grande tristeza por ter sido criado por Deus, crendo que seria condenado por causa de seus pensamentos pecaminosos, pois não cria ser possível alcançar a

santidade. Em certa oportunidade, a passagem de Lucas 22.31, que diz “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou” parecia tão vívida para Bunyan que ele a ouvia como que se alguém a gritasse atrás de seus ombros.



Bunyan lutou com a certeza de seu chamado e salvação. Muitas vezes ele sentia-se como Saul, Caim ou Esaú – um errante, que tendo conhecido alguma coisa da Palavra de Deus, a abandonou por um prato de lentilhas. Seus temores pelo inferno causavam desespero e grandes tumultos em sua alma.

Noutra ocasião, ele relata que “essas coisas me lançaram ao desespero. Quando essas tentações me sobrevinham com tamanha força, me comparava a uma criança que algum nômade havia levado para longe de seus amigos e de sua terra. Às vezes eu esperneava, gritava e chorava em desespero”

O sofrimento de Bunyan se estendeu por anos. Em algumas ocasiões, ele experimentava algum alívio de suas tentações e consciência, em outras, o desespero era tal que ele não “conseguia orar a Cristo contra quem pecara”.

No Peregrino, Bunyan parece retratar esse tipo de angustia na passagem de Cristão pelo vale da sombra da morte. Lá, ele relata que Cristão encontrou homens que fugiam deste vale, porque lá tinha “sátiros e demônios do inferno. Uivos e gritos contínuos de um povo em aflição indizível, jazendo em sofrimento e cadeias. Por cima do vale, pairam as desoladoras nuvens da confusão, e a morte está sempre com as asas abertas. É tudo completamente terrível, lúgubre e sem ordem”.

Mas Cristão, embora trêmulo e temendo pela vida, desembainhou sua espada e seguiu pelo vale, até ver raiar o dia. Assim foi com Bunyan também, que finalmente viu o fim de suas angustias pela sua alma quando a “sentiu a convicção da Justiça de Cristo em sua vida”. Ele chamou essa sua convicção de “triunfo da graça”.

Alguns anos depois de sua conversão, ele ficou viúvo e sua esposa deixou-lhe 4 filhos, sendo uma delas cega. Ele casou-se novamente com uma mulher muito piedosa, Elizabeth, que foi sua companheira e ajudadora o resto de sua vida; tornou-se pastor de uma congregação batista e, a partir da década de 1660, com o retorno da monarquia e a proibição do ministério de pregação leiga e não conformista, Bunyan passou a ser encarcerado em

inúmeras oportunidades. A soma do tempo em que Bunyan passou na prisão totaliza 12 anos.

Durante seu julgamento, Bunyan defendeu seu direito de pregar lendo a passagem de 1 Pedro 4.10-11, que diz: “Servi uns aos outros cada um conforme o dom que recebeu como bons despenseiros da multiforme graça de Deus; se alguém fala, fale conforme os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Cristo Jesus, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”

Bunyan foi encarcerado. E em cada oportunidade de sair da prisão, prometia que voltaria a pregar. E voltava à prisão. Seus dias de encarceramento foram de muitas incertezas e dificuldades

A cada dia, Bunyan sentia-se, literalmente, com a corda no pescoço. Ele sabia que poderia morrer a qualquer momento. Além disso, o pensamento das privações e sofrimento que sua família passaria era algo que lhe cortava o coração. Durante seu período de encarceramento, Bunyan registrou o seguinte

“A separação de minha esposa e de meus filhos, sempre me tem sido como arrancar a carne de meus ossos, enquanto estou neste lugar. Isso não somente porque os amo demais, mas porque sou sempre lembrado de suas privações, misérias e da grande falta que minha família terá, se for tirado deles, especialmente minha pobre filhinha cega. Ah, pensar nas privações que minha

doce filha cega pode passar quebra meu coração. Pobre criança! Que grandes sofrimentos será sua porção neste mundo. Ela poderá ser esbofeteada, mendigar, passar fome, frio, não ter o que vestir e milhares de outras calamidades.”

Foi na prisão que Bunyan escreveu sua obra prima, O Peregrino e sua autobiografia, “Graça Abundante ao Principal dos Pecadores.” Mas Bunyan produziu muitas obras e escritos. Segundo o historiador Christopher Hill, Bunyan escreveu cerca de 58 obras!

Bunyan foi alguém que produziu teologia sob o fogo da provação!

A maior parte de seus escritos tinha como propósito ajudar os peregrinos a percorrer o caminho que leva ao Céu. Escreveu obras evangelísticas; escreveu sobre a conversão; sobre a santidade; sobre a edificação dos santos; sobre as batalhas cristãs. Escreveu obras teológicas sobre a pessoa de Cristo, sobre a trindade, sobre a igreja e escreveu também duas obras importantes sobre o sofrimento, uma delas chamada “Conselho aos Sofredores” e a outra, “As provações dos cristãos – a aflição e seus benefícios”. Nessas obras, Bunyan encorajou o homem de dores a permanecer íntegro e fiel diante das perseguições e sofrimentos, dizendo que “Não há nada, além de Deus e da graça de Cristo, que mantém firme o homem que sofre, como uma boa vontade e consciência”. Sua consciência, como a de Lutero, estava cativa ao Senhor e por isso, ele dizia que

“se tivesse 4500 litros de sangue, derramaria cada gota em favor de seu Salvador”.

Sobre ele, era dito que seu sangue era composto de versículos bíblicos. Tudo que Bunyan escrevia era repleto da Bíblia. Na verdade, a Bíblia era o livro que ela carregava consigo a maior parte do tempo e o único a que tinha acesso durante os dias de prisão.

Bunyan morreu aos 60 anos de idade, em 1688, quando, já com saúde debilitada depois de envolver-se num enorme esforço que resultou na publicação de 6 livros, cavalgou da cidade de Reading para Londres debaixo de forte tempestade. Contraiu um pneumonia e, depois de dez dias de enfermidade, expirou – cruzando como verdadeiro peregrino o rio que leva à Jerusalém espiritual.

Tirando proveito das lutas

Alguns desses episódios de sua vida nos ajudam a entender as diferentes formas de sofrimento e qual deve ser nossa resposta a eles. Bunyan disse que seu sofrimento trouxe-lhe muita “convicção, instrução e entendimento”. Vejamos como ele tirou proveito das lutas que travou em sua vida e como nós também podemos ter esse proveito.

Autoconhecimento: As provas serviram para Bunyan conhecer melhor seu coração. Ele disse haver encontrado sete abominações contra as quais teve de lutar:

inclinação à descrença;

esquecimento súbito do amor de Deus;
inclinação às obras da Lei;
distração e frieza na oração;
esquecer de observar aquilo porque orei;
inclinação por murmurar pelo que não tenho mais e
de abusar daquilo que tenho; e
incapacidade de fazer o que Deus me ordena sem
que a natureza pecaminosa me faça sentir sua presença.

Crescimento Espiritual: As aflições serviram também
ao crescimento de Bunyan e, segundo ele via, conforme
ensina Romanos 8.28, essas coisas aconteciam para seu
bem. Deus as ordenava para que:

eu negue a mim mesmo;
eu seja impedido de confiar em meu coração;
eu seja convencido da insuficiência de toda retidão
inerente;
eu veja a necessidade de vigiar e ser sóbrio;
eu seja estimulado a orar a Deus, por meio de
Cristo, para que me auxilie e conduza neste mundo.

Algumas conclusões:

1) Somos convidados a confiar em Deus em todas
as circunstâncias e lutas da vida por causa dos
sofrimentos de Jesus, na Cruz. – A cruz, instrumento de
sofrimento, é nosso quinhão. Cristo nos convida a
tomarmos a nossa cruz diariamente, a morrermos para
nós mesmos e vivermos para ele, pois ele morreu por nós
para que pudéssemos nele ter vida. Precisamos de nos
crucificar para este mundo.

2) O sofrimento é o cadinho de Deus. Prova a nossa
fé e nos refina. Somos amadurecidos e crescemos na

medida em que colocamos nossos olhos em Cristo e nos sofrimentos dele, quando nós mesmos passamos por sofrimentos: (Hb 12.2): “olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.”

3) O sofrimento desta vida ajuda-nos a lembrar da esperança do porvir. A ressurreição e os novos céus e nova terra – a eternidade – fica diante de nossos olhos quando olhamos para as durezas da vida com perspectiva. Bunyan, descreve assim a cidade celestial: “Ora, no momento que as portas foram abertas, olhei para dentro. Eis que a cidade brilhava como o sol e as ruas eram pavimentadas com ouro. Nelas, andavam muitas pessoas com coroas nas cabeças, palmas nas mãos e harpas douradas, para com elas cantar louvores. Havia também seres que tinham asas e clamavam incessantemente uns aos outros dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor. Tendo visto essas coisas, desejei muito estar entre eles”.

Que diante do sofrimento, tenhamos, finalmente, uma resposta como a de Jó:

“Bem sei que tudo podes, e que nenhum de teus planos pode ser frustrado”

. Jó 42.2 (1)

Capítulo 1

“Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.”

Começa o sonho do autor – Cristão, convencido do pecado, foge à ira vindoura, e Evangelista o dirige a Cristo.

Caminhando pelo deserto deste mundo, parei num sítio onde havia uma caverna; ali deitei-me para descansar. Em breve adormeci e tive um sonho.

Vi um homem coberto de andrajos, de pé, e com as costas voltadas para a sua habitação, tendo sobre os ombros uma pesada carga e nas mãos um livro (Isaías 64:6; Lucas 14:33; Salmo 38:4; Habacuque 2:2). Olhei para ele com atenção e vi que abria o livro e o lia; e, à proporção que o ia lendo, chorava e estremecia, até que, não podendo conter-se por mais tempo, soltou um doloroso gemido e exclamou: “Que hei de fazer?” (Atos 2:37 e 16:30; Habacuque 1:2-3).

Neste estado voltou para sua casa, diligenciando reprimir-se o mais possível, a fim de que sua mulher e seus filhos não percebessem sua aflição. Como, porém, o seu mal recrudescesse, não pôde por mais tempo dissimulá-lo, e, abrindo-se com os seus, disse por esta forma:

“Querida esposa, filhos do coração, não posso resistir por mais tempo ao peso deste fardo que me

esmaga. Sei com certeza que a cidade em que habitamos vai ser consumida pelo fogo do céu, e todos pereceremos em tão horrível catástrofe se não encontrarmos um meio de escapar. O meu temor aumenta com a idéia de que não encontre esse meio.”



Tratam-no com aspereza

A família zombava dele e o censurava. Outras vezes, agia como se ele nem estivesse presente.

12

Ao ouvir estas palavras, grande foi o susto que se apoderou daquela família, não porque julgasse que o vaticínio viesse a realizar-se, mas por se persuadir de que o seu chefe não tinha em pleno vigor as suas faculdades mentais.

E, como a noite se avizinhava, fizeram todos com que ele fosse para a cama, na esperança de que o sono e o repouso lhe sossegariam o cérebro. As pálpebras, no entanto, não se lhe cerraram durante toda a noite, que passou em lágrimas e suspiros.

Pela manhã, quando lhe perguntaram se estava melhor, respondeu negativamente, e que a moléstia cada vez mais o afligia. Continuou a lastimar-se, e a família, em lugar de se compadecer de tanto sofrimento, tratava-o com aspereza. Esperava, sem dúvida, alcançar por este modo o que a doçura não pudera conseguir até ali: algumas vezes zombavam dele; outras repreendiam-no; e quase sempre o desprezavam.

Só lhe restava o recurso de se fechar no seu quarto para orar e chorar a sua desgraça, ou o de sair para o campo, procurando na oração e na leitura lenitivo a tão indescritível dor.

Certo dia, em que ele andava passeando pelos campos, notei que se achava muito abatido de espírito, lendo, como de costume, e ouvindo-o exclamar novamente: “Que hei de fazer para ser salvo?”

O seu olhar desvairado volvia-se para um e outro lado, como em busca de um caminho para fugir; mas, não o encontrando de pronto, permanecia imóvel, sem saber para onde se dirigir.

Vi, então, aproximar-se dele um homem chamado Evangelista (Atos 16:30-31; Jó 33:23) que lhe dirigiu a palavra, travando-se entre ambos o seguinte diálogo:

Evangelista -- Por que choras?

Cristão -- (Assim se chamava ele). -- Porque este livro me diz que eu estou condenado à morte, e que depois de morrer, serei julgado (Heb. 9:27), e eu não quero morrer (Jó 16:21-22), nem estou preparado para comparecer em juízo! (Ezequiel. 22:14).

Evangelista -- E por que não queres morrer, se a tua vida é cheia de tantos males?



Cristão – Porque temo que este pesado fardo que tenho sobre os ombros, me faça enterrar ainda mais do que o sepulcro, e eu venha a cair em Tofete (Isaías 30:33). E, se não estou disposto a ir para este tremendo cárcere, muito menos para comparecer em juízo ou para esse suplício. Eis a razão do meu pranto.

Evangelista – Então, por que esperas, agora que chegaste a esse estado?

Cristão – Nem sei para onde me dirigir.

Evangelista – Toma e lê. (E apresentou-lhe um pergaminho no qual estavam escritas estas palavras: “Fugi da ira vindoura”). (Mateus. 3:7).

Cristão – (Depois de ter lido). E para onde hei de fugir?

Evangelista – (Indicando-lhe um campo muito vasto). Vês aquela porta estreita? (Mateus. 7:13-14).

Cristão – Não vejo.

Evangelista – Não avistas além brilhar uma luz? (Salmo 119:105; II Pedro 1:19).

Cristão – Parece-me avistá-la.

Evangelista – Pois não a percas de vista; vai direito a ela, e encontrarás uma porta; bate, e lá te dirão o que hás de fazer.

Capítulo 2

Vendo-se abandonado por Obstinado e Flexível, prossegue Cristão a sua viagem. O Pântano da Desconfiança.

Cristão deitou a correr na direção que lhe havia sido indicada; mas a mulher e os filhos, ao verem-no fugir, seguiram atrás dele, suplicando que voltasse para casa. Cristão não lhes deu ouvidos, e, continuando a carreira com mais velocidade, gritava em altas vozes: “Vida, vida, vida eterna!” (Lucas. 14:26). E, sem olhar para trás (Gênesis. 19:17; II Cor. 4:18), continuou até ao meio da planície. Acudiram também os seus vizinhos (Jeremias. 20:10). Uns zombavam dele, outros ameaçavam-no, e outros ainda gritavam-lhe que voltasse. Entre estes últimos havia dois que estavam resolvidos a ir agarrá-lo e trazê-lo à força para casa. Chamavam-se Obstinado e Flexível. Apesar da considerável distância a que se achava o fugitivo, os dois vizinhos, redobrando esforços, conseguiram alcançá-lo.

- Que pretendeis de mim? Perguntou-lhes Cristão.
- Queremos que voltes conosco.